

A AMÉRICA LATINA NOS TEXTOS DE LITERATURA BRASILEIRA (A PARTIR DOS DADOS DA BASE PORTEXT)

Carlos MACIEL*

Resumo: Trata-se, no âmbito deste artigo e a partir dos dados da base PORTEXT, de apresentar e discutir a questão relativa à presença do termo ou expressão “América Latina” nos textos da literatura brasileira (de Gregório de Matos a Lima Barreto). Uma definição do termo impõe-se assim necessariamente, sobretudo através das relações que tem ele com o “ocidente” ou ainda com a Europa (e, muito particularmente, a França). Se estes últimos elementos aparecem como fundadores (no que se refere à nacionalidade brasileira – e na esteira de Oliveira Lima), o mesmo não acontece com a América Latina, cuja presença é mais do que modesta nos diferentes textos.

Palavras-chave: América Latina; literatura brasileira; Portext; ocidente; França.

Résumé : Il s’agit, dans le cadre de cette étude et à partir des données de la base PORTEXT, de présenter et développer la question relative à la présence du terme ou expression « Amérique Latine » dans les textes de la littérature brésilienne (de Gregório de Matos à Lima Barreto). Une définition du terme alors s’impose, bien entendu, notamment par les biais des rapports qu’il entretient avec « l’occident » ou encore avec l’Europe (tout particulièrement la France). Si ces derniers éléments sont inévitablement fondateurs (pour ce qui concerne la nationalité brésilienne – et dans le sillage d’Oliveira Lima), il n’en va pas de même pour l’Amérique Latine dont la présence dans les différents textes et particulièrement modeste.

Mots-clés : Amérique Latine ; littérature brésilienne ; Portext ; occident ; France

Afirma Oliveira Lima, na sua *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, que não é certo que “a característica dos problemas históricos é ficarem insolúveis, mas é bem certo que se apóiam sobre suposições e discussões, pois que o papel do historiador é completar o do analista e tentar explicar os feitos da humanidade (...) pondo em evidência suas motivações e suas conseqüências, isto é, o espírito filosófico que encerram. A história seria então a realidade social, a atividade moral interpretada – exatamente como a arte é a interpretação da natureza” (p. 35).

Podemos assim afirmar, na esteira de Oliveira Lima, que a história se constrói com fatos, com feitos, mas também com mitos, leituras e interpretações. Foi partindo desta afirmação, ou talvez postulado, que abordamos o tema aqui proposto. Trata-se de tentar interpretar alguns dos aspectos relacionados com a construção da “nacionalidade” – digamos talvez identidade – através das relações que tem esta com os vários elementos

* Universidade de Nantes.

que a definem, ao que parece, e em sincronia. E é nesta encruzilhada que encontramos a América Latina.

Para tentar entrever os elementos desta relação específica (Brasil – América Latina), consultamos a base de dados textuais Portext. Esta base, com cerca de quatro milhões e quinhentas mil ocorrências de textos de literatura brasileira, em versão integral e normalizada do ponto de vista ortográfico, compreende obras em prosa, poesia e teatro, além de textos do campo da história e/ou da política. Estão nela representados os principais autores, de Gregório de Matos e Vieira a Lima Barreto, passando por Basílio e Rita Durão, José de Alencar, Machado de Assis (romantismo e realismo, conto, romance e poesia), Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bilac, Joaquim Nabuco, Coelho Neto, Aluísio de Azevedo, Rui Barbosa, Euclides da Cunha e ainda Cruz e Souza, entre outros. A base Portext é o fruto do trabalho que vem sendo feito no laboratório “Bases, corpus et langage”, UMR 6039 do CNRS.

O enfoque será assim necessariamente comparativo.

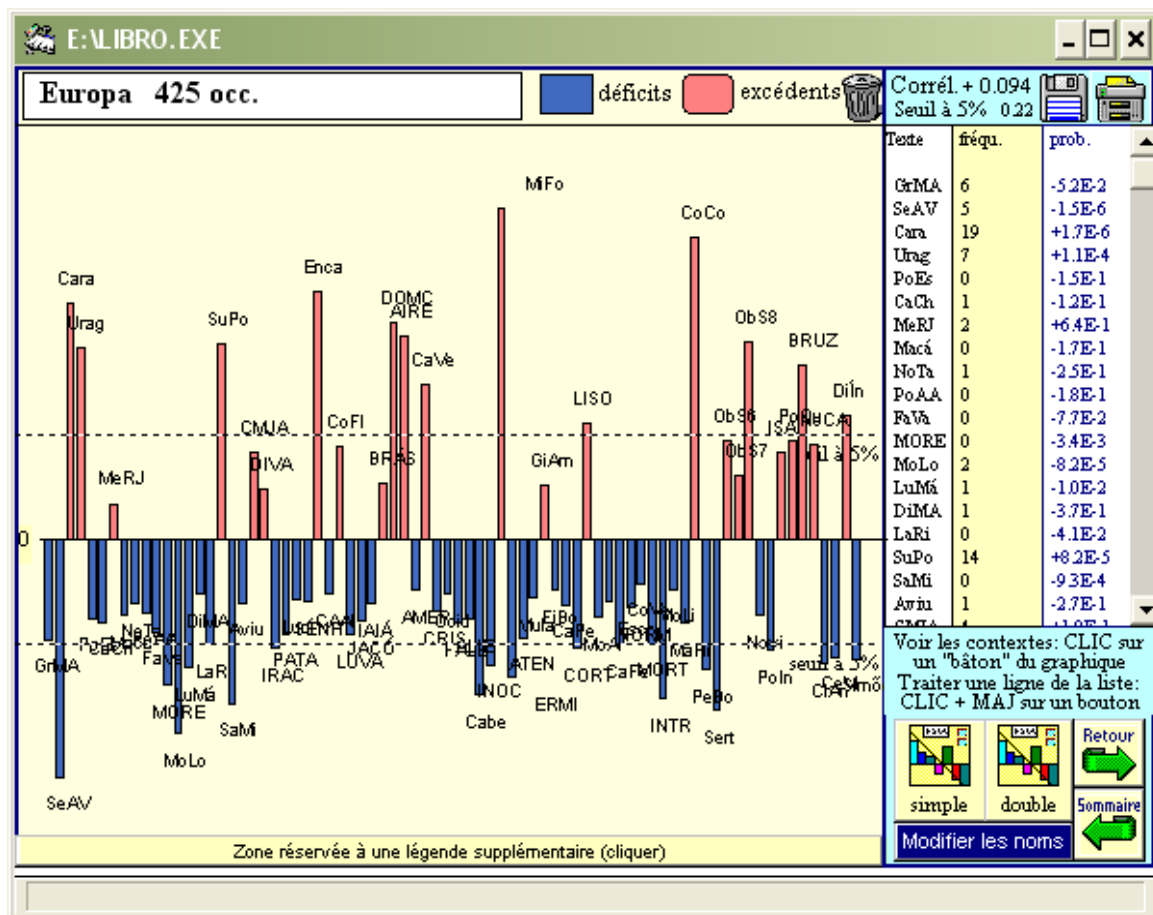
Quadro 1: Continentes

The screenshot shows a software window with a menu bar and a toolbar. The main area displays a list of words and a matrix of their occurrences across continents. The word list includes: CrMA, SeAV, Cara, Urug, PoEs, CaCh, MeRJ, Macá, NoTa, PoAA, FaVa, MORE, MoLo, LuMá, DiMA, LaRi, SuPo, SaMi, Aviu, CMJA, DIVA, IRAC, PATA, Luci, SENH, Enca, CAA1, CoF1, LUVA, JACÓ, IAIÁ, BRÁS, DOMC, AIRE, AMER, CaVe, CRIS, Ocíd, FALÉ, ALIE, Cabe, INOC, MiFo, ERMI, ATEN, Mula, GiAm, FiBo, CaPe, CORT, LISO, MoAl, Escr, CaFe, NORM, CoVe, MORT, INTR, MoLi, MaHi, CoCo, PeBo, Sert, ObS6, Obs7, ObS8, Novi, PoIn, ISAÍ, PoQu, BRUZ, NoCa, CLAn, CeVi, DiIn, Sim8.

	1	4	2	1	0	5	0	,	201	América				
América	1	4	2	1	0	5	0	,	201	América				
Europa		6	5	19	7	0	1	2	0	1	0	0	0	2
ásia	1	1	0	14	0	1	4	5	0	1	4	7	16	2
áfrica	11	1	5	5	9	22	18	2	9	0	0	0	0	0
	1	31	0	3	10	13	6	9	4	12	1	0	0	5
	0	2	0	7	1	23	0	6	12	11	26	0	0	11
	13	14	7	1	1	14	0	,	425	Europa				
		1	6	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
	0	0	0	0	0	9	0	2	2	0	2	0	0	1
	0	2	1	0	0	4	0	,	41	ásia				
	0	2	21	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0
	0	6	0	0	1	0	3	0	3	0	0	0	1	0
	0	6	0	0	2	9	0	2	1	0	3	0	0	1
	4	1	0	0	1	6	1	,	84	áfrica				

Constatamos, observando os dados relativos à presença formal dos diferentes continentes na base (África, América, Ásia, Europa e Oceania), que temos um total de 760 menções ou ocorrências. Destas (quadro 1), 201 cabem à América (26,6%); a “parte” da Europa, neste quadro e consideradas as suas 425 ocorrências, é de 56%. As demais ocorrências repartem-se essencialmente entre a África (84 ocorrências – 11,1%), e a Ásia (41 ocorrências – 5,1%); à Oceania cabe somente um total de 9 ocorrências (ou 1,2%). Estes dados põem em relevo uma grande disparidade. Cabendo lembrar que a forma América – de que cada um poderia eventualmente esperar uma representação mais forte – é neste caso ambígua (temos com efeito muitas ocorrências em que a forma está com efeito associada à expressão “Estados Unidos da América” – e, cabe dizer, na matéria não será esta a única ambigüidade conceitual com que nos vamos deparar).

Quadro 2: Europa

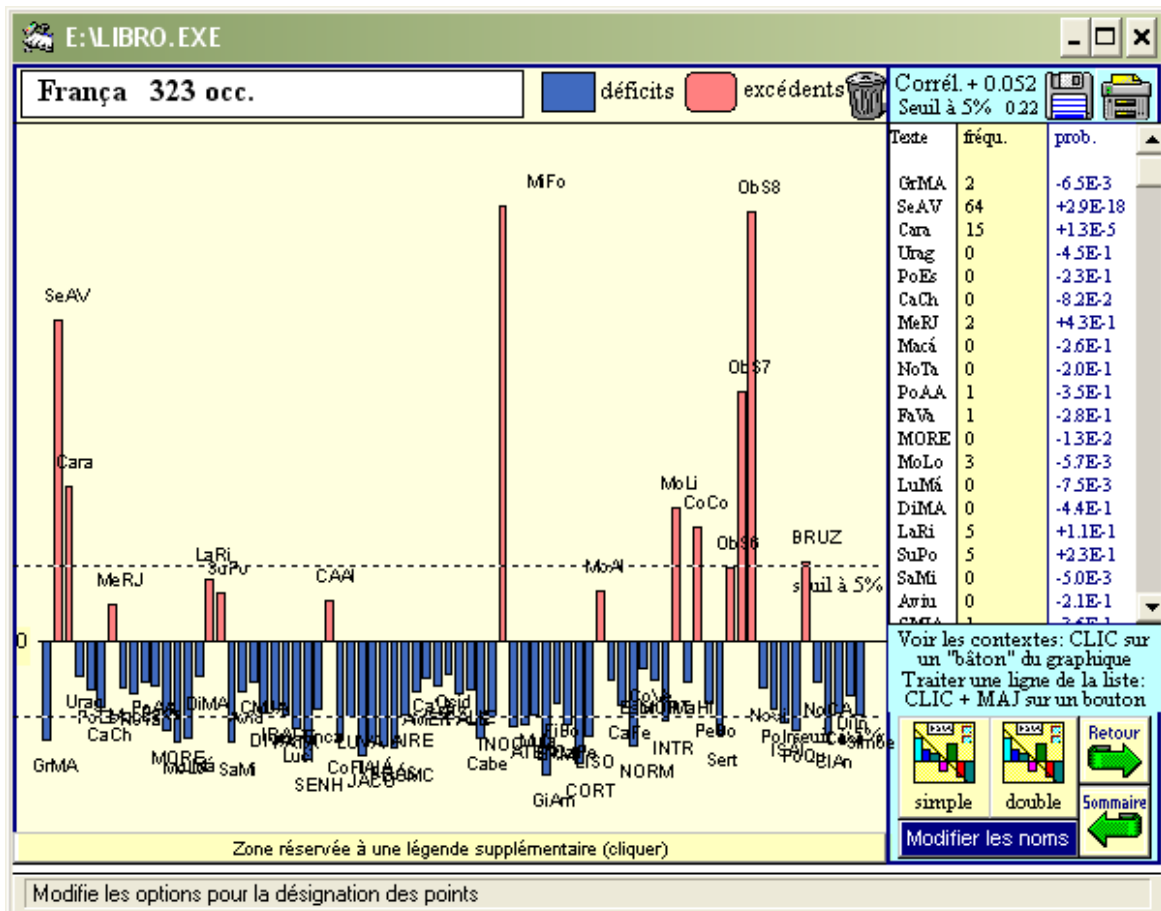


Por outro lado, a presença constante da Europa compreende também um certo número de variáveis (quadro 2). Observa-se assim que ela está mais presente no Caramuru ou no Uruguai, que está longe de ser expressiva em Vieira (primeiro tomo dos Sermões) e está muito presente nos Suspiros Poéticos e Saudades, em Dom Casmurro, no Memorial de

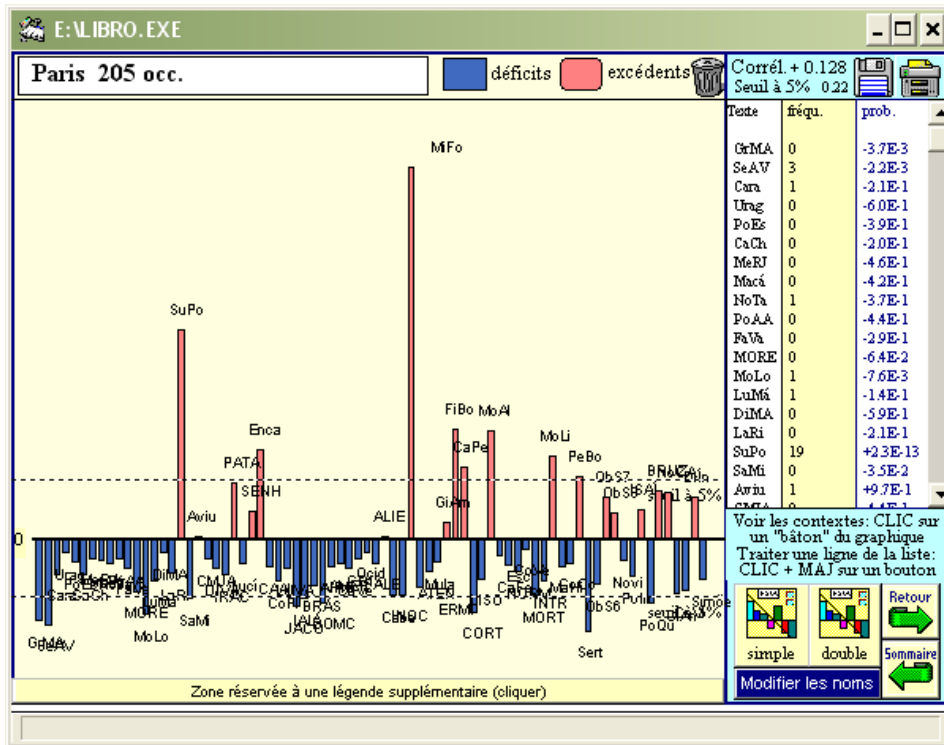
Aires, em Minha Formação, no Livro de Uma Sogra, em Contrastes e Confrontos, nas Obras Seletas, ou ainda em Bruzundangas (isto é, podemos dizer, em obras do romantismo e do realismo, em obras mais propriamente de cunho histórico e/ou político – Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Rui Barbosa –, ou ainda em Lima Barreto, em obra que provavelmente escapa a estas rápidas categorizações).

O país europeu que merece o maior número de menções é a França (323 ocorrências). Também no Caramuru, mas sobretudo, agora, em Vieira – que privilegia o espaço dito nacional ao espaço continental. Presente na poesia romântica, ela aparece com força nas obras dos historiadores e/ou políticos já mencionados (Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Rui Barbosa) (quadro 3). Paris (quadro 4), tem um perfil semelhante, mas em parte somente: aparece com mais força nos românticos e, com exceção de Minha Formação, dilui-se visivelmente por trás da França nas obras de Euclides e de Rui. A Inglaterra, segundo país europeu mais mencionado, somente se sobressai em Minha Formação, Contrastes e Confrontos e nas Obras Seletas (quadro 5), e só Joaquim Nabuco menciona com força a capital, Londres (quadro 6).

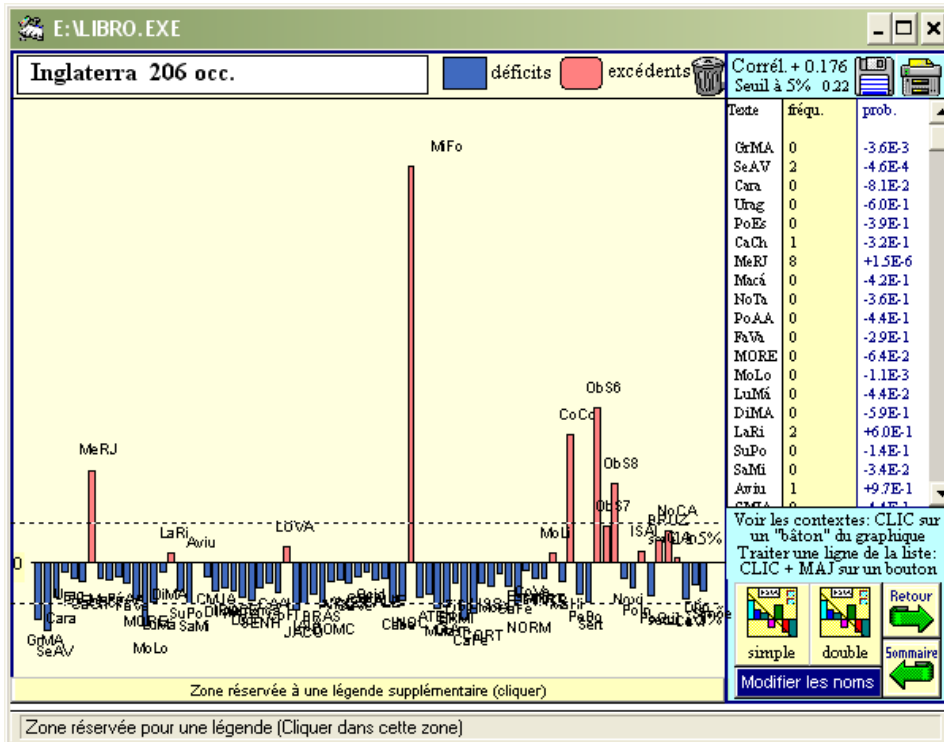
Quadro 3: França



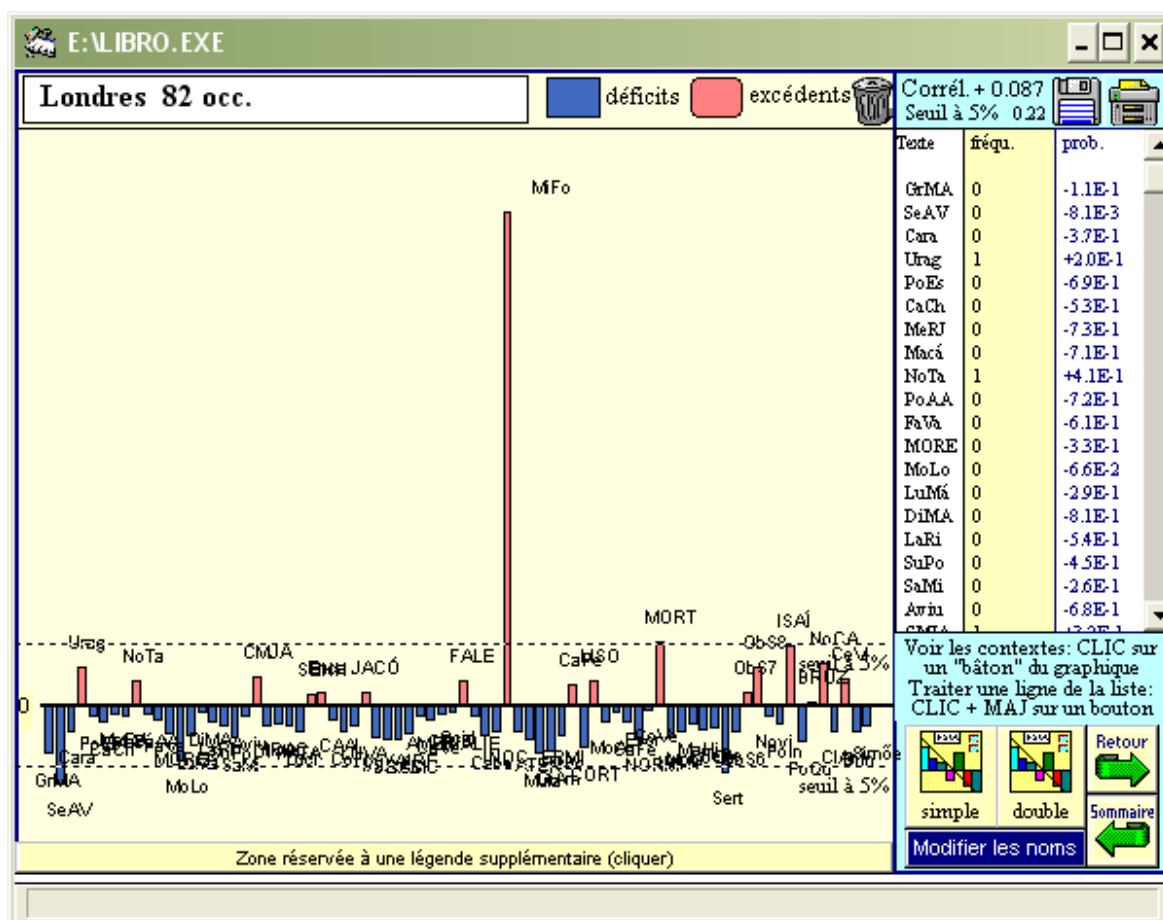
Quadro 4: Paris



Quadro 5: Inglaterra



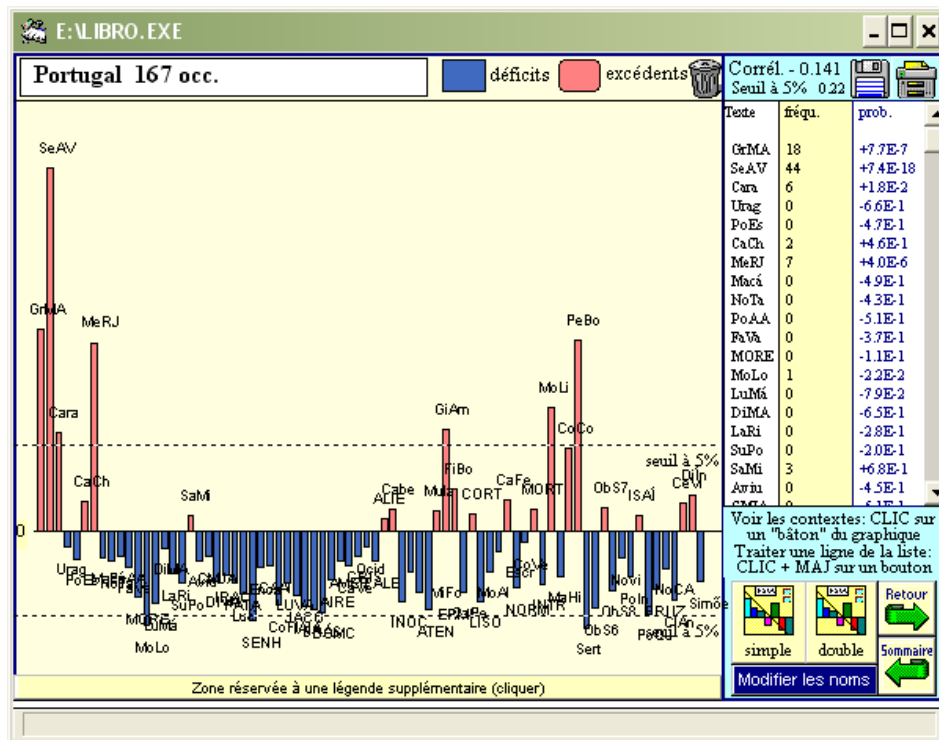
Quadro 6: Londres



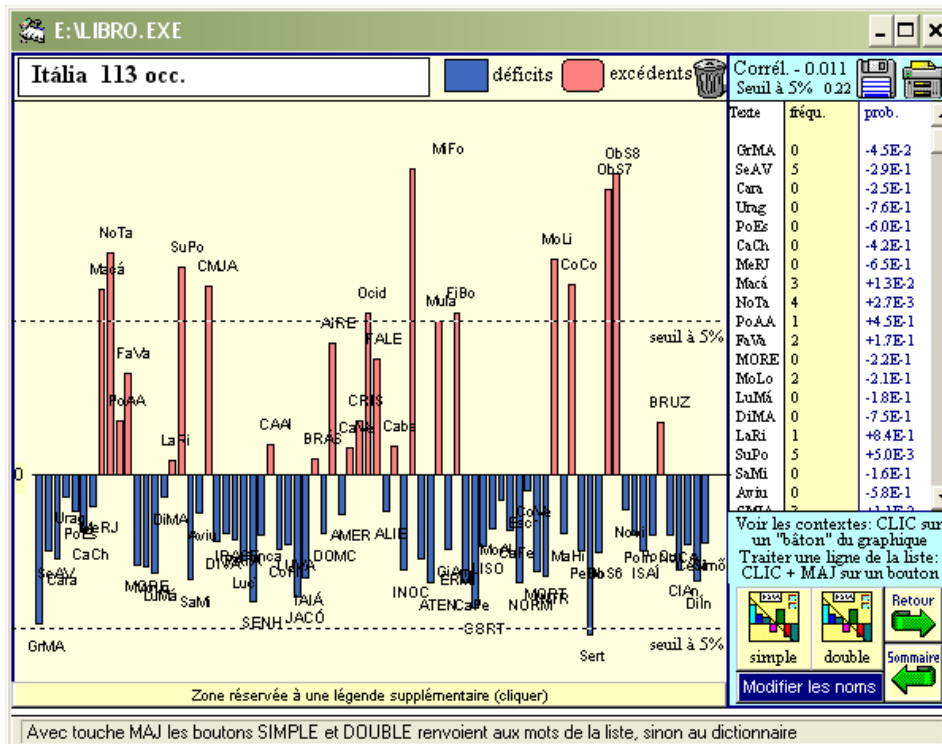
Portugal é o terceiro país europeu mais mencionado. A sua presença é particularmente visível em Gregório de Matos e em Vieira; só volta o país a se manifestar com força mais tarde (em Girândola de Amores, por razões temáticas) e, mais uma vez, quando, com Euclides, se trata de história (Contrastes e Confrontos e Peru versus Bolívia) (quadro 7).

É a Itália, quarto país mais mencionado, que apresenta a distribuição mais equilibrada (quadro 8), inspirando a todos por igual. Se Roma, por outro lado, é a cidade mais mencionada (é a única que tem uma frequência superior a de Paris – quadro 9), isto deve-se sobretudo a Vieira e a Suspiros Poéticos e Saudades.

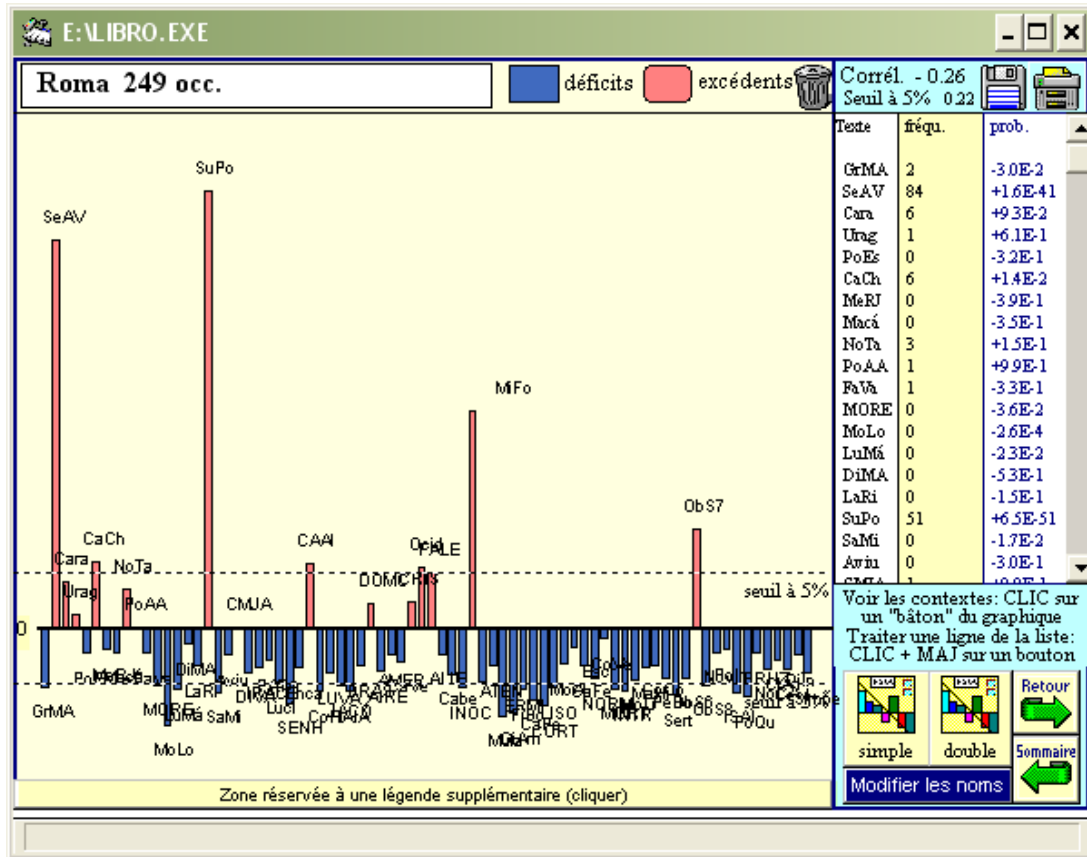
Quadro 7: Portugal



Quadro 8: Itália



Quadro 9: Roma

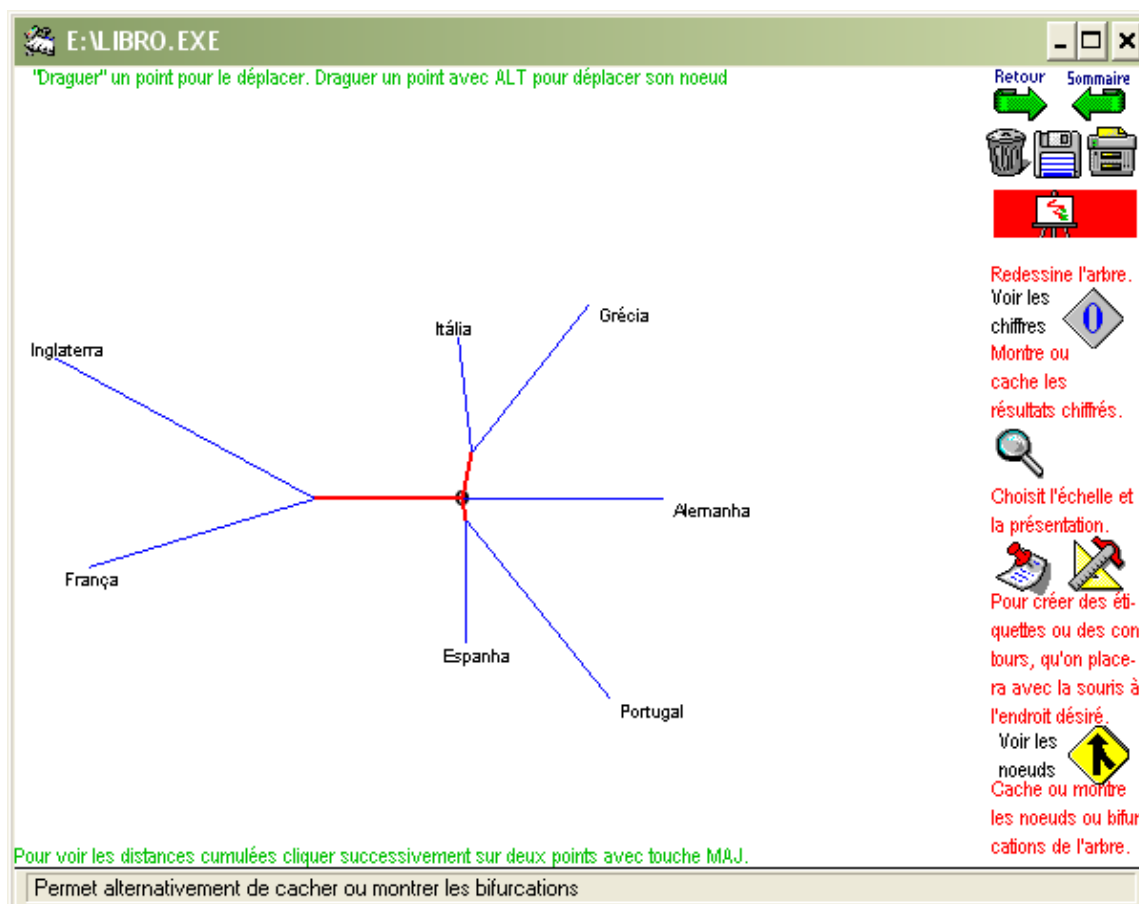


Num quadro geral de representação, mais abrangente, podemos distinguir claramente dois “pares”: a França e a Inglaterra se aproximam, enquanto referenciais fortes, particularmente no campo político, mas também cultural, apesar das diferenças que há entre os dois países em termos de distribuição, e apesar da notável dominante francesa. Portugal e Espanha constituem o segundo par, simbolizando o “outro” referencial. A Alemanha, quinto país mais mencionado (com 91 ocorrências), também aí aparece; aproximando-se do “par” França e Inglaterra, ela integra o espaço dos referenciais cronologicamente mais recentes.

Na construção da “nação” ou, pelo menos, da nacionalidade, nas suas vertentes diversas (social, cultural e, sobretudo, jurídica), a matriz europeia, como vimos, desponta com impressionante vitalidade dentro deste espaço. A nacionalidade, assim vista, e se acompanharmos ainda o que preceitua Oliveira Lima, declina-se assim de várias maneiras, inevitavelmente norteadas pelo porto de que foi dada a partida: do ponto de vista formal, lexical, ela pertence assim ao campo de que a nação é o formante e a cujo universo pertencem também os vocábulos “nacional” e “nacionalismo”, aos quais a história reservou eventualmente um destino diverso. A “nação”, no processo político,

concorre com a “pátria”, sem no entanto responder aos mesmos critérios de distribuição ou de uso, como indica Damon Mayaffre em obra muito bem fundamentada.

Quadro 10: Países europeus



Utilizando a expressão já consagrada e presente em um conhecido e excelente artigo – De quoi parte-t-on?, de Jean Leca – lembramos o quanto são movediços os conceitos e quanto, em consequência, a história nos convida a revisar as formas e/ou valores com que trabalhamos. Para chegar à América Latina, passaremos então pela América.

Buscando os países do continente sul-americano e, de forma mais abrangente, os países de língua espanhola do continente americano, encontramos um número de ocorrências expressivo para o Peru (229 ocorrências), para a Bolívia (144), e para o Paraguai (94). Depois disso, encontramos o Chile (51), a Argentina (46), o Equador (24), o Uruguai (16), o México (14), a Colômbia (6) e a Guatemala (3 ocorrências somente) (quadro 11).

Quadro 11: Países hispano-americanos

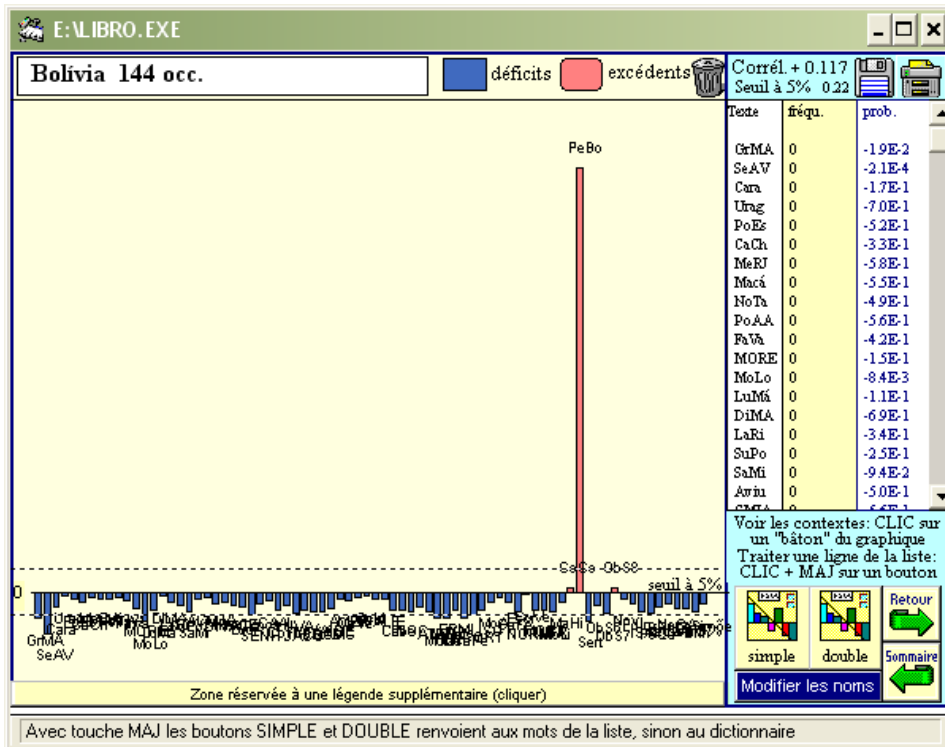
The screenshot shows the 'E:LIBRO.EXE' application window. The top menu bar includes 'Liste de mots', 'ECART', 'FREQU.', 'FACTOR', 'ARBRE', 'MODIF.', 'Initiale', 'Finale', 'Chaîne', 'Fréqu.', 'Long', 'Catég.', and 'Groupe'. Below the menu is a list of words with their corresponding frequency and length. The main window displays a table with columns for country names and numerical data. The table is as follows:

Country	1	0	0	0	1	1	0	,	46	Argentina				
Uruguay		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Paraguay	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Bolívia	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Colômbia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Venezuela	0	0	0	0	0	4	4	0	0	0	1	0	0	0
México	2	0	0	0	0	2	1	,	16	Uruguay				
Peru		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Guatemala	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Chile	0	0	2	15	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
	3	1	1	0	3	5	0	0	1	0	0	0	0	0
	0	5	0	3	0	12	13	2	0	2	1	0	0	0
	13	0	0	1	1	6	1	,	94	Paraguay				
		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0	0	0	0	1	2	135	1	1	0	4	0	0	0
	0	0	0	0	0	0	0	,	144	Bolívia				
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

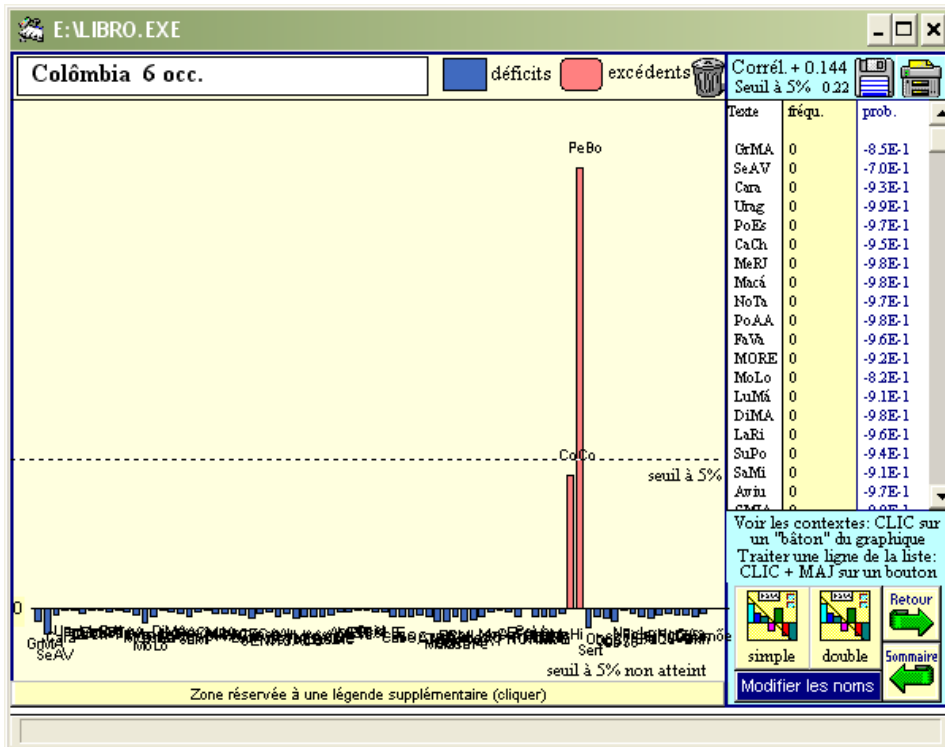
The status bar at the bottom of the window displays '10 Chile 51 4682'.

A observação dos gráficos de distribuição não deixa dúvidas no entanto sobre a natureza dos dados: todas as ocorrências do vocábulo Bolívia aparecem praticamente numa só obra, fundamentalmente histórica e de que constitui o tema central – isto é, Peru versus Bolívia, de Euclides da Cunha (quadro 12). E, inevitavelmente, o mesmo acontece com o Peru. E as poucas ocorrências do Uruguai, que segue o mesmo modelo, nem mesmo dependem, como se poderia eventualmente esperar, da obra de Simões Lopes Neto. As seis ocorrências que marcam a presença da Colômbia estão limitadas a *Contrastes e Confrontos* e *Peru versus Bolívia* (quadro 13). Não fosse Euclides – em cuja obra encontramos também a maior parte das referências feitas aos demais países citados – os vizinhos *hispanohablantes* do Brasil, mencionados já de forma simbólica, estariam todos praticamente ausentes.

Quadro 12: Bolívia



Quadro 13: Colômbia



Temos aí talvez uma fronteira lingüística, dirão alguns. Sem dúvida. Convém no entanto voltar ao conceito de nação.

A nação, o sentimento nacional, foram e são, como é sabido, fundadores do estado moderno (a partir do século XV). A língua integra este processo, mas Max Weber (que se dizia pessoalmente nacionalista) bem demonstrou – partindo do exemplo da Alemanha e da Áustria – que não era este senão um dos fatores de que se pode lançar mão para a construção da nacionalidade. No estado moderno (criação européia, *s'il en est*), a construção jurídica privilegiou o termo “estado”, expurgado este de toda e qualquer outra conotação. O estado não existe, dirão ainda alguns. Sem dúvida, o estado somente se materializa através de um certo número de práticas, de exercícios, que a lei mais do que outros simboliza. A “nacionalidade”, matéria agora jurídica, afirma-se como uma das prerrogativas do estado. E é este que com efeito define os critérios de atribuição daquela, sempre juridicamente falando, (normalmente falamos então do direito do solo, do direito do sangue ou ainda de uma combinação destes dois elementos – segundo o que resulta da aplicação de regras oriundas do direito romano).

No estado moderno, e considerada a terminologia desde então adotada, a nacionalidade (na busca da sua razão de ser inicial) privilegiou, como ponto de partida, a parte mais visível daquilo a que se pode dar o nome de marcas culturais da nação”, a saber a língua (que Valéry chamou de “*premier fruit intellectuel d'un peuple*”). Assim, eu sou português e eu falo português, por exemplo. Foi assim na realidade européia; nas realidades americanas, reinterpretadas, no dizer dos sociólogos, a língua desvinculou-se da nacionalidade (eu sou brasileiro e eu falo português, por exemplo).

Elementos culturais (a língua) participaram e participam assim com força na construção da nacionalidade (na sua perspectiva histórica – enquanto processo, respeitada a lógica da história dita “hegeliana”). E não só a língua, com certeza. Lembremos, para melhor marcar o que segue, que o estado supõe um território, uma população, um governo e, sobretudo, um reconhecimento internacional. A fronteira aparece conseqüentemente aqui: ela é uma resultante e faz parte destes marcadores existentes ou histórica e politicamente “construídos”. A fronteira será no entanto, por si só, capaz de produzir, no processo histórico, novas formas de marcadores sociais, de diferenciação entre povos e culturas, acentuando, aprofundando a “nacionalidade” (termo a que atribuimos agora um valor sociológico).

Assim, constatar que a Europa é o continente mais freqüentemente mencionado nas obras da literatura brasileira não constitui sem dúvida nenhuma novidade, e isto não surpreenderá com efeito ninguém. O diferencial (sobretudo com relação ao continente americano), pode no entanto produzir alguma surpresa. Constar que a França é (e de longe) o país mais freqüentemente mencionado não será também por si só um fator de surpresa. Mas essa constatação vai já merecer algumas explicações fundamentais. Isto aparecerá se nós constataremos que, em contextualização, França e Europa se confundem

– a França aparecendo como o referencial mais forte capaz de simbolizar, enquanto país, a Europa no seu todo. Resulta daí que Paris, depois de Roma, é a cidade que merece o maior número de menções nos textos de literatura brasileira aqui estudados. A Europa – ou, melhor dizendo, o “ocidente” europeu, aparece como o principal referencial. O Brasil aparece assim como inevitavelmente europeu e ocidental. Dos autores, é provavelmente Joaquim Nabuco que melhor simboliza (em *Minha Formação*), esta “herança fundadora”. Lembremos que Franklin de Oliveira, em texto bem conhecido, afirma que nós somos filhos da contra-reforma enquanto que os americanos não latinos são filhos da reforma. O historiador português José Gentil da Silva diz que o ocidente é a França; e Eduardo Lourenço afirma que há um ocidente de matriz francesa e um ocidente de matriz britânica. Tudo dito, com poucas ou com outras palavras, por uns e por outros, mas o essencial aí está: Europa, ocidente, França, reforma e contra-reforma simbolizando, de uma certa forma, a constante dentro da qual se inserem as inevitáveis variáveis históricas.

Observar por outro lado, e na seqüência destas constatações, que os países vizinhos do Brasil são pouco mencionados, evidencia um problema e força o questionamento. Ao constatar, como vimos, que as ocorrências de Bolívia, Peru, Paraguai, Argentina ou Uruguai, ou ainda de Chile ou México, encontram-se praticamente todas em obras de historiadores e/ou políticos (Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, por exemplo), que estão claramente “localizadas” – e muito particularmente, por exemplo, em Peru versus Bolívia e *Contrastes e Confrontos*, de Euclides da Cunha, somos forçados à reflexão sobre as razões que justificam esta quase ausência, sobretudo na perspectiva de uma etapa futura. Assim:

A Europa e o “ocidente” aparecem assim como “fundadores”, como parte inevitável da matriz criadora.

A Europa, geograficamente localizada, como ponto de partida histórico de um país que se construiu de fora para dentro, não exige definições.

E o “ocidente”? Seria ele aquele ocidente de que fala Orlando Ribeiro – isto é, a ponta extrema ocidental do continental europeu, a partir da qual, e para leste, tudo é oriente?

Hélio Jaguaribe, em artigo publicado em 2002, perguntava “o que é o ocidente”? (*Política Externa*, vol. 10, nº 4, março-abril-maio 2002, p. 108.). A pergunta, simples, somente em verdade anuncia a grande complexidade (cada vez por sinal mais atual) de um termo que se tem prestado às leituras e interpretações mais diversas. A sociologia alemã desenvolveu esta problemática (com Max Weber, por exemplo). A sociologia francesa distingue “ocidentes diversos”. Na Itália, Ângelo Bertolo em “*L’Occidente com gli Occhi di Machiavelli*” – Firenze Libri, 1987, faz uma tentativa de definição, com critérios por vezes não muito precisos, e, sobretudo, faz uma proposta de atribuição de contornos ou limites geográficos do ocidente. A “*rivista italiana di geopolítica - Limes*” distingue quatro diferentes ocidentes – e aponta a América Latina como o “terceiro ocidente”. O ocidente é cristão, lembra Ângelo Bertolo. E o Brasil, parte da América Latina, pertence assim ao que Alain Rouquié chama de “extremo-ocidente”

(*Amérique Latine – Introduction à l’extrême occident*, Points, Essais, Éditions du Seuil, 1987-1998). No entanto, se a Europa e o “ocidente” aparecem efetivamente enquanto formantes na construção da nacionalidade brasileira, o mesmo não se pode dizer da América Latina – a julgar pelo número de referências ínfimo dos países que a compõem e pelo número mais limitado ainda da referência direta ao termo ou expressão: encontramos somente um pouco mais de dez referências à América Latina nos textos brasileiros estudados.

A América Latina, como parte “invisível” do processo, seria então o “terceiro” ou o “extremo ocidente”. Mas, para além desta referência cultural e/ou ideológica, o que é a América Latina?

Em *O Brasil na América (1925 – p. 31)*, o sergipano Manoel Bomfim afirma que “nós outros – argentinos, peruanos, brasileiros, chilenos... – que somos dos chamados latino-americanos, nunca pensamos em América Latina. Para os nossos conceitos de realidades, no simples positivo das relações comuns, ou como convergência de qualquer ação imediata, tal unidade não existe. Consideramos, apenas, cada um dos povos com que os dissertadores formaram o latinismo da América. O mesmo acontece a qualquer estrangeiro que aqui tenha feito vida conosco: falará de – Venezuela, Paraguai, México, Nicarágua... mas nunca sentirá a necessidade de concentrar o espírito nesse conceito – América Latina”.

Mas, continua Manuel Bomfim, “a que se aplica este apelativo?”

“Na substância dos fatos, afirma ele, existem diversas nações americanas, umas de origem inglesa (...), como existem nações provindas da colonização espanhola, ao lado do Brasil, formado por Portugal”.

Pode-se dizer, a partir daí, que a noção, com efeito não integrou o processo de geração da nacionalidade, no que se refere ao Brasil. Isto alimentou muita polêmica e, sobretudo, deu argumentos àqueles que afirmam que a América Latina não existe. Deixemos de lado esta tese, que não se impõe nesta circunstância, e aceitemos – pois não cabe aqui voltar ao antigo debate – a definição segundo a qual a América Latina é o espaço que congrega os estados do continente americano que resultam da colonização espanhola e da colonização portuguesa (que encontramos hoje muitas vezes nos textos dos geógrafos e dos historiadores e cujos contornos são incertos).

De onde vem no entanto o conceito?

Em artigo publicado na revista *Política Externa* (vol. II, nº 4 – março-abril-maio 2003, pp. 103-110), que tem por título “A Invenção da América Latina”, Vamireh Chacon lembra que o conceito surge na “encruzilhada de tentativas de atração por órbitas internacionais mais fortes” e, muito particularmente, na segunda metade do século XIX, quando a “França e a Grã-Bretanha continuavam a sua competição”. Severo, Vamireh Chacon lembra que há então uma América anglo-saxônica e uma América que tinha

sido submetida ao “jugo embrutecedor dos portugueses e espanhóis” e que encontrávamos aí o “argumento preparatório para a defesa da hegemonia francesa” (p. 104). De uma certa maneira, encontramos aqui novamente a tese de Franklin de Oliveira ou ainda a proposta de Eduardo Lourenço.

Roberto Nocella, em artigo intitulado “Storia e geopolitica dell’America Latina” (Limes, 2003, pp. 17-43), lembra com efeito que “l’idea di una America latina, contrapposta ad una America anglosassone dominata dagli Stati Uniti nacque, infatti, in Francia tra gli anni Cinquanta e Sessanta del XIX secolo. Nel primo volume pubblicato nel 1857 della *Revue espagnole et portugaise*, in seguito significativamente ribattezzata *Revue des races latines*, venne tessuto l’elogio della latinità. In particolare, fu Michel Chevalier, un economista fautore del libero scambio, seguace di Saint-Simon, ad abbozzare un piano de natura geopolitica. Chevalier, nominato senatore da Napoleone III nel 1860, in una sua opera del 1844 intitolata *L’Isthme de Panama*, aveva fatto appello alla vocazione industriale, “tutelare” e “dominatrice” della “razza europea” affinché venisse costruito un canale (...). Nel 1862 Chevalier ripropose le sue argomentazioni sulle pagine della prestigiosa *Revue des Deux Mondes*.” Napoleão III, indica Roberto Nocella, pretendia submeter à vontade da França as nações latinas do sul e sonhou com um império latino. A resposta dos Estados Unidos foi a proposta de “panamericanismo” – ou o monroísmo, qualificado por Franklin de Oliveira de “camisa de vênus da penetração dos Estados Unidos na América do Sul” (em “*Manoel Bomfim, o nascimento de uma nação*” – prefácio escrito para o livro “*A América Latina, Males da Origem*”, de Manoel Bomfim).

O conceito de América Latina, conseqüentemente, é historicamente tardio e construído de fora para dentro, mais propriamente da França para as Américas, e não tinha por vocação responder aos anseios dos povos a que faz referência. Daí a manifestação de Manoel Bomfim. Daí também a ausência do termo no debate, daí o pequeno número de ocorrências do termo nos textos brasileiros.

João do Rio, no “Momento Literário” (quadro 14), cita o livro *A América Latina*, “do Doutor Manuel Bomfim, corajoso livro de crítica e doutrinação, palpitante de atualidade”. Rui Barbosa (Obras Seletas), lembra o que “são as espúrias democracias da América Latina, onde impera o estado de sítio, a ditadura periódica e a melindrabilidade autocrática dos presidentes” e acrescenta que “o antigo desprezo europeu e particularmente americano pela América Latina acaba de assumir a sua expressão mais humilhante”.

“Em compensação, afirma Manoel Bomfim, todos os que não nos conhecem, se fazedores de teorias, com língua em coisas sociais, históricas, ou políticas, não falham no repetir de enfáticos e pueris preconceitos acerca da irreal unidade – América Latina” (p. 31).

O conceito, poder-se-ia dizer, continua hoje a padecer dos mesmos males. Com as mesmas causas que prevalecem. Teorias há, hoje como ontem, que globalizam,

extrapolando a partir de realizações localizadas. Mas, na época da globalização ou da interdependência, para utilizar um termo aqui proposto, no âmbito deste encontro, só nos é possível constatar a distância que é ainda temos que percorrer.

Ou, em outras palavras, se admitirmos que a América Latina aparece hoje como uma realidade palpável – entendida enquanto espaço que congrega as antigas colônias de Portugal e Espanha nas Américas –, teremos também que constatar que, enquanto ambição política, enquanto realidade cultural, a América Latina continua a ser uma unidade a construir.

Lembremos ainda que aquilo que aqui foi visto não está localizado no tempo, não é só passado. Buscando em outros textos da literatura brasileira, quase todos mais recentes, cujos autores são Rachel de Queirós (*O Quinze*), Graciliano Ramos (*Vidas Secas* e *São Bernardo*), Jorge Amado, Autran Dourado (*Os Sinos da Agonia*), Érico Veríssimo (*Clarissa*), e João Ubaldo Ribeiro (*Viva o Povo Brasileiro*), por exemplo, encontramos 13 ocorrências para a França, 15 para Portugal (João Ubaldo) e 9 para a Inglaterra, mas somente 5 para a Argentina e 1 para o Uruguai (os demais países hispano-americanos não estão representados). A Espanha e a Alemanha são mencionadas cada uma duas vezes. A América Latina não é mencionada. E fica aqui uma hipótese: a de que, feita a experiência, não encontraremos, na literatura da Argentina, do Uruguai ou do Chile, por exemplo, uma realidade diversa.

Quando falamos de América Latina e de interdependência temos que forçosamente ver duas vertentes que se congregam – o Brasil por um lado e os países hispano-americanos pelo outro. Ora, a constatação feita por Manoel Bomfim no início do século XX continua a ser ainda verdadeira – isto é, prevalece a irreal unidade. E a nacionalidade brasileira (mas não só esta), por exemplo, construiu-se, na esteira do que afirma Oliveira Lima, sem levar globalmente em consideração o parâmetro “América Latina”. Povos e culturas, podemos nós dizer, para encerrar. Em termos de América Latina, a unidade será o fruto de uma grande vontade política ou não será, no justo respeito dos diferentes povos e culturas que partilham o mesmo espaço. A questão, historicamente falando, não é por certo insolúvel (segundo a nossa citação de Oliveira Lima), mas a América Latina, para existir, precisa bem mais do que um discurso. O Mercosul – com as suas conseqüências, em matéria de economia como em matéria de cultura e de política lingüística – terá sido, nestes últimos anos, provavelmente o primeiro grande passo. Precisamos ainda de muitos outros – pois o conceito, naquilo que pode ter de mais profundo, ainda não integrou àquilo a que se pode dar o nome de “cultura de massa”.

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

Sur Portext:

MACIEL Carlos. PORTEXT - sur CD-ROM. Série thématique II - textes littéraires - littérature brésilienne. CNRS-INaLF. Textes littéraires brésiliens (XVII-XXème siècles)

- traitement documentaire et statistique des corpus textuels (environ 4 millions d'occurrences). Ed. CNRS-ILF, UMR6039, Nice, décembre 2000.
- MACIEL Carlos. Le Projet PORTEXT. Bilan et perspectives. In Cahiers du Cercle de Linguistique de Nice, n° 16, 1994.
- MACIEL Carlos. La base PORTEXT à Nice. À propos d'une idée. Présentation. Données historiques. Bibliographie, in CUMFID, CNRS-INaLF, UPR6861, numéro spécial sur le projet PORTEXT, Nice, mars 1996.
- MACIEL Carlos e LUONG Xuan. La base PORTEXT. Exploitation de quelques données chiffrées. Analyses arborées, in CUMFID, CNRS-INaLF, UPR6861, numéro spécial sur le projet PORTEXT, Nice, mars 1996.
- MACIEL Carlos. La page WEB de la Base de données textuelles PORTEXT. L'outil, les textes juridiques, les aires géographiques, in 4èmes Journées Internationales d'Analyse Statistique des Données Textuelles, Actes publiés par l'Université de Nice et le CNRS, Nice, 1998.
- MACIEL Carlos. Textes et textes juridiques dans la base de données textuelles PORTEXT, in Secondes Journées Internationales de Terminologie (Actes du Colloque), AELPL, CERTIL, CTN, Faculté des Affaires Internationales de l'Université du Havre, Le Havre, 14/15 octobre 1994, Université du Havre, Actes publiés sous la direction d'Elba Bohórquez; Le Havre, 1996.
- MACIEL Carlos. A base PORTEXT na rede Internet. Apresentação. In Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa (Lisbonne, 25, 26, 27 novembre 1998), Actas. Publicação: União Latina, Representação da Comissão Europeia em Portugal et Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisbonne, 1999.
- MACIEL Carlos e BRUNET Etienne, De Frantext à PORTEXT. In "Desafios da Lusofonia". Actes du Colloque. CUMFID n° 19, pages 43-58. Nice, décembre 2000.

D'autres références:

- AGUIAR Flávio Wolf de. A América Latina não existe, in Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina. Maria Helena Martins (organizadora). Ateliê editorial, Prefeitura de Porto Alegre – Centro de Estudos Cyro Martins, 2002, pp. 65-68.
- BERTOLO Angelo. L'Occidente com gli Occhi di Machiavelli. Florença, Firenze Libri, 1987.
- BOMFIM Manoel. O Brasil na América. 1925, reedição, 2ª ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1997, p. 31.
- BOMFIM Manoel. América Latina: Males de Origem. 1905, reedição Topbooks, Rio de Janeiro, 1996.
- BOMFIM Manoel. O Brasil nação. Realidade da soberania brasileira. 1931, reedição Topbooks, Rio de Janeiro, 1996.
- CHACON Vamireh. A Invenção da América Latina. In Política Externa, vol. II, n° 4, março-abril-maio 2003, pp. 103-110.
- ELIAS Norbert. La Dynamique de l'Occident. Calmann-Lévy, Agora Pocket, 1969-1975.
- JAGUARIBE Hélio. O que é o ocidente? In Política Externa, vol. 10, n° 4, março-abril-maio 2002, p. 108.

- LECA Jean. De quoi parle-t-on? In Nations et nationalismes, La Découverte, Dossiers de l'état du monde, Paris, 1995, pp. 17-26.
- MAYAFFRE Damon. Le poids des mots. Le discours de gauche et de droite dans l'entre-deux-guerres. Maurice Thorez, Léon Blum, Pierre-Etienne Flandin et André Tardieu (1928-1939), Paris, Champion, 2000, 801 p.
- MORAND Pascal. La victoire de Luther. Nápoles , Vivarium, 2001.
- NOCELLA Roberto. Storia e geopolitica dell'America Latina. In Limes, 2003, pp. 17-43.
- OLIVEIRA Franklin de. In Manoel Bomfim, o nascimento de uma nação – prefácio escrito para o livro A América Latina, Males da Origem, de Manoel Bomfim (1905). Topbooks 1996.
- OLIVEIRA LIMA Manoel de. Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira, 1912, reedição Topbooks, 2000.
- ROUQUIÉ Alain. Amérique Latine – Introduction à l'extrême occident. Points, Essais, Éditions du Seuil, 1987-1998
- VALÉRY Paul. Paris, Stock, 1931, 216 p.
- WEBER Max. L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme, Plon col. Agora Pocket, 1964.